

Olivier Belleil

VEM, ESPÍRITO SANTO!

*Percurso de sete semanas
para preparar a efusão do Espírito Santo*



PAULUS

PREFÁCIO

«Os movimentos eclesiais e as novas comunidades são uma das mais importantes novidades suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, pela actuação do Concílio Vaticano II», afirmou Sua Santidade, o Papa Bento XVI, num discurso aos bispos participantes num seminário de estudos, promovido pelo Conselho Pontifício para os Leigos, sobre os novos movimentos e comunidades eclesiais (17 de Maio de 2008) e acrescentou: «A nós, pastores, pede-se acompanhamento de perto, com solicitude paterna, de modo cordial e sábio, os movimentos e as novas comunidades, para que possam pôr generosamente ao serviço da utilidade comum, de maneira ordenada e fecunda, os numerosos dons de que são portadores e que aprendamos a conhecer e a apreciar: o impulso missionário, os itinerários eficazes de formação cristã, o testemunho de fidelidade e de obediência à Igreja, a sensibilidade para com as necessidades dos pobres, a riqueza de vocações.»

Na fidelidade a esta recomendação do Santo Padre aceitei a proposta de “conhecer” e de “apreciar” o itinerário de formação que Olivier Belleil propõe para o Renovamento Carismático Católico – “seminários de vida no Espírito”. São sete temas a desenvolver em sete semanas de preparação para a “Efusão do Espírito Santo”.

O autor, para além de indicações pedagógicas, desenvolve de forma ampla, profunda e simples cada um dos temas, com fundamentação bíblica e doutrinal, e sentido eclesial, enriquecendo-os com um conjunto de escritos de autores cristãos e de experiências de crentes que, mediante este itinerário, se encontraram com Jesus Cristo. Encontro que transformou as suas vidas, os fez retornar à comunhão eclesial e os levou ao compromisso missionário.

Este itinerário é oportuno e útil, um excelente contributo para a formação e preparação dos animadores, bem como para a orientação dos encontros de formação, de modo a evitar possíveis riscos emergentes de uma espontanei-

dade exagerada e de uma improvisação emotiva, apresentando um itinerário a seguir em cada encontro e em cada dia das sete semanas, centrado na Escritura e nos ensinamentos da Igreja, em ordem à preparação para a “Efusão do Espírito Santo”.

A “Efusão do Espírito Santo” significa, segundo vários autores, «uma mais viva tomada de consciência da presença do Espírito Santo no crente», uma «libertação do Espírito», uma «experiência do Espírito», «um novo e mais aprofundado conhecimento do Espírito», «uma abertura pessoal mais consciente ao Espírito e às suas moções», «uma revitalização dos carismas recebidos no Baptismo», «uma revivescência da graça baptismal», «um impulso renovado de docilidade em relação ao Espírito».

Tudo isto acontece por obra do Espírito Santo, que impele o baptizado a valorizar a sua presença e a sua acção. Trata-se de uma nova e especial intervenção do Espírito: “nova” em relação a intervenções precedentes; “especial” pelo modo como acontece e pelos frutos que produz.

Com o baptismo o crente recebe o dom do Espírito que o incorpora a Cristo e o insere na Igreja, torna-o filho de Deus. O sacramento do Crisma, com uma nova intervenção do Espírito Santo, reforça a sua vida espiritual, conduzindo-a a uma maturidade cristã, tornando-o capaz de viver e de testemunhar a própria fé.

A “Efusão do Espírito Santo” não é um sacramento, mas apenas uma nova e especial intervenção do Espírito, um impulso interior que ajuda o baptizado a viver a graça sacramental do Baptismo e do Crisma como “nova criatura”, membro do Povo de Deus, numa mais efectiva e plena comunhão com Deus e com a comunidade cristã, num empenho missionário dentro e fora da comunidade eclesial, pondo ao seu serviço os dons recebidos gratuitamente, para edificação da Igreja.

A “Efusão do Espírito Santo” inaugura no baptizado uma modalidade nova de relação com as Pessoas divinas, renova a sua fé, insere-o num itinerário de conversão e confere-lhe carismas particulares.

É uma experiência do Espírito que o leva a viver segundo as exigências divinas, a viver uma comunhão mais íntima e profunda com Cristo e a um maior conhecimento de Deus.

A “Efusão do Espírito Santo” ajuda o crente a conhecer melhor Cristo, a deixar-se interpelar pela Sua Palavra, a intuir de um modo novo a Sua presença na liturgia e nos sacramentos, a reconhecê-lo como Filho de Deus, como Verbo eterno encarnado em quem habita a plenitude da divindade, como redentor, como fonte e princípio da história da salvação, como “verdade e vida”, como pastor e guia, a proclamá-Lo Senhor e juiz dos vivos e dos mortos e a esperar com confiança o retorno a Ele na casa do Pai.

A descoberta de Jesus como Senhor, a percepção de Cristo como eterno e vivente, a aceitação da Sua soberania não são fruto do esforço humano, mas resultado de uma renovada presença e acção do Espírito.

A “Efusão do Espírito Santo” cria no baptizado a condição para que a comunhão com Deus, que é uma das aspirações mais profundas do homem, mesmo se nem sempre é advertida, se realize e se intensifique no tempo até à sua plenitude na vida eterna.

A disponibilidade crescente à acção do Espírito, que o autor propõe neste itinerário, dispõe o crente ao diálogo com Deus, que se exprime na oração, proporciona um maior contacto e gosto pela Palavra de Deus, leva à prática dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, à comunhão fraterna, a um maior amor e fidelidade à Igreja, a uma devoção filial à Santíssima Virgem e a uma maior sensibilidade à dimensão ecuménica.

O Santo Padre Bento XVI, no discurso acima referido, sublinha que «falta executar a importante tarefa de promover uma comunhão mais amadurecida de todos os componentes eclesiais, para que todos os carismas, no respeito da sua especificidade, possam contribuir plena e livremente para a edificação do único Corpo de Cristo». E convidava a «ir ao com muito amor ao encontro dos movimentos e das novas comunidades», como estímulo para conhecer adequadamente a sua realidade «sem impressões superficiais ou opiniões restritivas».

Olivier Belleil com esta proposta, já experimentada largamente em França com resultados extraordinários, ajuda a conhecer não só o caminho exigente de conversão que leva à “Efusão do Espírito” e os seu efeitos, mas também a fazer esta experiência da redescoberta do grande Dom de Deus recebido no Baptismo e no Crisma, a dar espaço ao Espírito no quotidiano da vida e a deixar-se conduzir por Ele.

O caminho proposto é um convite à esperança para quantos a perderam, à abertura do coração à fé, ao amor e à confiança em Deus que vem ao encontro de cada homem e de cada mulher e lhe diz: “coragem”, “confia”, “levanta-te e caminha”, “agarra a minha mão”, “não temas”, “deixa-te amar por Mim”, “acolhe o Dom do Meu Espírito que te recria, te renova e te faz experimentar a alegria e a beleza de ser filho de Deus, membro de uma grande família, a Igreja, onde podes reencontrar a paz e a felicidade que buscas, a realização dos anseios mais profundos de comunhão e de amor que habitam no mais profundo do teu coração, através da redescoberta e de uma renovada experiência do Espírito Santo”.

29 de Julho de 2008

† JOAQUIM MENDES
Bispo Auxiliar de Lisboa

VEM, ESPÍRITO SANTO!



INTRODUÇÃO

1. Intenção da obra

«Quero um milagre!», escreveu uma jovem no seu pequeno bloco pessoal, num retiro organizado para jovens estudantes americanos, na Universidade de Duquesne, Pensilvânia, no fim-de-semana de 17 e 18 de Fevereiro de 1967.

E o milagre aconteceu! Naquele dia, cerca de vinte jovens viveram uma experiência que relembra a do Pentecostes. Eis como uma das participantes, Patti Mansfield, testemunhou a experiência:

Ao ver que a festa não começava, fui pela casa tentando chamar os estudantes para se reunirem no rés-do-chão. [...] Foi nesse momento que entrei na capela: não para rezar... mas para convidar os presentes para a festa. Quando entrei, vi alguns jovens sentados no chão, em adoração, e ajoelhei-me diante do altar. Algo de inesperado aconteceu então.

Pela graça da fé, sempre acreditei que Jesus estava realmente presente no Santíssimo Sacramento. Contudo, nunca tinha sentido a Sua glória. Naquela noite, ajoelhada diante d'Ele, o meu corpo começou a tremer perante a Sua majestade e o meu coração encheu-se de medo pela Sua presença. Ali estava Ele, presente, Rei dos reis, Senhor dos senhores, Deus do Universo! Cheia de medo, disse para comigo: *Vai-te embora daqui depressa, se continuares diante de Deus algo irá acontecer!* Porém, a minha vontade de permanecer na Sua presença foi mais forte do que o medo.

Bill Deigan entrou na capela, ajoelhou-se a meu lado e eu contei-lhe o que acabara de me suceder: *Acabo de falar com outros*, respondeu-me. *Aconteceu algo de inesperado. Fica aqui a rezar enquanto desejares.*

Diante do Senhor Jesus Cristo presente no Santíssimo Sacramento pronunciei, pela primeira vez na minha vida, aquilo a que chamarei uma “oração de

submissão total”. No silêncio do meu coração, fiz a minha entrega: *Pai, dou-Te a minha vida; aceito a Tua vontade, mesmo que isso signifique sofrimento. Ensina-me apenas a seguir o Teu Filho Jesus e a amar como Ele amou.*

De imediato, apesar de ter estado ajoelhada minutos antes, vi-me prostrada, com o rosto no chão, diante do tabernáculo. [...] Tal como Moisés diante da sarça ardente, senti-me em terra santa. Estendida no chão, um sentimento profundo do amor pessoal de Deus por mim, o Seu amor misericordioso, inundou todo o meu corpo. [...]

Naquele preciso instante senti que, de alguma forma, queria morrer para me reencontrar com o Senhor no Céu.

Ora se eu, uma pessoa insignificante, podia sentir desta forma o seu amor misericordioso, a Sua ternura, a Sua compaixão, o mesmo podia acontecer com cada um, sim, com cada um de nós. Desejava apenas continuar a gozar a presença do Senhor. Mas o Senhor quis que eu fosse partilhar a minha experiência. Como os Apóstolos depois do Pentecostes, também eu queria “anunciar as suas maravilhas”, testemunhar o Deus vivo.

Levantei-me então e falei à assembleia: *Rezo para que o que aconteceu comigo vos aconteça também.* Este encontro único e breve com o Espírito do Senhor ensinou-me mais do que uma vida inteira de estudo. A beleza e a bondade do Deus vivo seduziram-me, o seu amor misericordioso fez-me sentir uma pessoa realizada.

MANSFIELD, PATTI (1997), *Comme une nouvelle Pentecôte*, Éditions de l’Emmanuel.

Esta experiência é conhecida como “**Efusão do Espírito Santo**” ou “baptismo no Espírito Santo”.

Nascia assim o Renovamento Carismático Católico: pequena chama que provocou um verdadeiro incêndio em todos os continentes.

Quarenta anos mais tarde – o tempo de uma geração, em linguagem bíblica – ficamos maravilhados com a transformação operada na vida de mais de cem milhões de católicos. O Papa João Paulo II afirmou: «Sempre que o Espírito intervém, deixa-nos maravilhados. Suscita acontecimentos de uma novidade que causa admiração. Muda radicalmente as pessoas e a história.» (Vigília do Pentecostes, 1998)

Como é que este fogo se propagou ao mundo inteiro?

No início do Renovamento Carismático, os cristãos que haviam vivido esta experiência do Espírito Santo estavam convictos de que era preciso propô-la a todos à sua volta: a efusão do Espírito Santo é para todos...

O Espírito de Deus não vem por “ordem” humana; Ele é livre e soberano. Mas o Senhor quer dar o Seu Espírito a todos aqueles que O procuram. «O Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lh’O pedirem.» (Lc 11,13)

Era pois necessário preparar os corações para que eles estivessem disponíveis para acolherem o dom do Espírito Santo, deixando ao Senhor toda a liberdade de agir. Foi assim que nasceu aquilo a que chamamos “as sete semanas de preparação para a efusão do Espírito Santo” ou “seminários de vida nova no Espírito”.

Trata-se de um **percurso espiritual** que decorre ao longo de quase dois meses e que se encerra com uma vigília de oração pela efusão do Espírito Santo sobre os participantes.

Muitos vivem “o Baptismo do Espírito Santo” sem participarem nestes encontros, pois Deus não está sujeito aos programas humanos. Porém, esta proposta das sete semanas foi, e continua a ser, uma forma privilegiada de preparação...

Optámos por abordar aqui as sete semanas não sob o ângulo do “porquê”, mas sob o ângulo do “como”.

Não pretendemos fornecer explicações teológicas sobre o fundamento de uma experiência reconhecida e encorajada pelo magistério da Igreja; há muitos livros sobre o assunto.

Estas páginas são antes o fruto de uma experiência comunitária. Há cerca de vinte anos, o Senhor confiou à Comunidade do Verbo de Vida a missão de animar as sete semanas em países e contextos variados (grupos de oração, paróquias...). As graças recebidas, os testemunhos partilhados, as experimentações e, sobretudo, as faltas de habilidade permitem-nos hoje redigir este percurso.

Tomai-o por aquilo que ele é: não um manual para seguir à letra, mas um quadro que baliza a animação das sete Semanas.

Cabe a cada um adaptá-lo segundo a inspiração do Espírito.

2. A equipa de animação

a. O projecto

A equipa de animação deve ter uma ideia clara sobre aquilo que propõe. Trata-se de:

- ◆ Convidar cada pessoa da assembleia a preparar-se para um reencontro (mais) pessoal com Jesus;

- ◆ Convidar Jesus a manifestar-Se livremente nos corações, da forma que Ele entender.

A equipa faz sua a oração dos Apóstolos nos Actos:

Agora, Senhor, [...] concede que os teus servos anunciem corajosamente a tua Palavra. Estende a mão para que se realizem curas, sinais e prodígios por meio do Nome do teu santo servo Jesus. (ACT 4,29-30)

A equipa de animação beneficiar-se-á ao seguir **dois modelos**:

- ◆ A Virgem Maria:

“Mediadora” ou intermediária entre Deus e os homens. É Ela quem revela a Jesus as necessidades dos homens, aquilo que lhes faz falta: «Eles já não têm vinho.» (Jo 2,3)

É a oração de intercessão dos responsáveis pelo povo que lhes é confiada durante o tempo da missão.

A Virgem Maria mostra aos homens qual a atitude que devem tomar para deixarem Jesus agir com autoridade e manifestar a sua glória: «Fazei o que Ele mandar.» (Jo 2,5)

A equipa de animação, tal como a Virgem Maria, não deve forçar os acontecimentos agindo no lugar do Senhor. Há animadores que, conscientemente ou não, se colocam no lugar do Bom Deus. A manipulação que fazem é uma falta de respeito, por Deus e pelos homens. Só Deus pode converter e conceder graças.

- ◆ João Baptista:

A equipa de animação – através do seu testemunho por actos e por palavras – cumpre várias funções:

- Interpelar as pessoas, isto é, questioná-las. Mesmo quando é feito com sabedoria e prudência, o testemunho cristão desperta, abana, sacode o auditório e, por vezes, fá-lo reagir. Isto faz parte do anúncio do Evangelho. Sermões sem conteúdo não incitam ninguém!
- Preparar os corações: «Eis que envio o meu mensageiro à tua frente, para preparar o teu caminho» (Mc 1,2);
- Voltar o olhar não para os servidores de Deus, mas para Cristo. «Eis o Cordeiro de Deus» (Jo 1,29);

- Revelar a presença aparentemente esquecida do Senhor nas nossas vidas humanas. «No meio de vós está Alguém que vós não conheceis» (Jo 1,26);
- Alegrar-se com a obra do Mestre sem procurar apropriar-se dela. «É o noivo que recebe a noiva, e o amigo, que espera, enche-se de alegria quando ouve a voz do noivo» (Jo 3,29);
- Aceitar diminuir-se para dar lugar a Cristo. «É preciso que Ele cresça e eu diminua.» (Jo 3,30)

b. A constituição da equipa

A equipa de animação deve designar um responsável. Esta forma de organização, importante, conjuga dois princípios da obra da Igreja:

- ◆ O princípio da presidência (o responsável);
- ◆ O princípio da colegialidade (a equipa).

Nos Actos dos Apóstolos, o princípio da presidência era representado por uma pessoa (Pedro, Paulo...) e o princípio da colegialidade por um grupo (os Doze, os Anciãos...).

Os riscos a evitar são:

- ◆ A hipertrofia do princípio da presidência em detrimento do princípio da colegialidade. O pastor ou o responsável decidem tudo, fazem tudo... e os membros da equipa tornam-se meros executantes.
- ◆ A hipertrofia do princípio da colegialidade em detrimento do princípio da presidência. O pequeno grupo decide tudo em comum sem permitir que o responsável tome iniciativas.

Na forma como vive e conduz a animação das sete semanas, a equipa vive uma experiência eclesial.

Em resumo: o responsável não deve ser um homem-orquestra, mas um maestro. Faz intervir os talentos dos outros, ajuda-os a darem o melhor de si integrando harmoniosamente a contribuição de cada um numa construção comum. É ele o garante da “visão”, ou seja, da finalidade ou do projecto a implementar...

A equipa deve ser “leve”, isto é, pouco numerosa para que possa reunir-se com facilidade e tomar todas as decisões rapidamente (evitar um *staff* excessivo!)

A sua composição pode ser a seguinte:

- ◆ Um responsável;
- ◆ Um pregador (que tem a cargo os ensinamentos);
- ◆ Um responsável pela animação musical;
- ◆ Um moderador (que transmite à assembleia o fio condutor do encontro);
- ◆ Um responsável pela escuta espiritual...

Em certos momentos, a equipa deve incluir a pessoa de referência que acolhe as sete semanas (o pastor do grupo de oração, o pároco ou o seu representante...): esta concertação permite-lhe dar resposta às exigências do grupo.

Todas as semanas, a equipa faz uma avaliação começando por:

1. Vivência espiritual: «O que é que o Senhor fez no meio de nós?» (partilha dos frutos recebidos, testemunhos...).
2. Depois, a equipa revê o encontro, parte por parte.

Após a avaliação, podem surgir algumas conclusões, por exemplo:

- «Os avisos iniciais foram demasiado longos...»
- «Foi difícil dar início ao louvor, o animador e os músicos não estavam devidamente sincronizados.»
- «O ensinamento decorreu bem, mas foi demasiado extenso.»
- «A prática foi bonita, mas não se percebiam bem os discursos ao microfone...»
- «Faltavam pessoas disponíveis para a escuta-oração.»
- «Teríamos honrado a presença do pároco pedindo-lhe a bênção no final.»

Depois da avaliação, programa-se o encontro seguinte melhorando aquilo que for necessário. O princípio de funcionamento é simples:

- ◆ Liberdade total na deliberação, isto é, na partilha de ideias, comentários e sugestões;
- ◆ Obediência e solidariedade depois das orientações tomadas até à próxima reunião de avaliação.

Este procedimento permite conjugar a liberdade de expressão (somos mais inteligentes quando somos muitos!) com a necessária coesão na acção comum (não expomos os nossos sentimentos e as nossas divergências para não perturbar ninguém).

c. Como viver esta missão de animação?

Apontamos **quatro regras de ouro** que resumem o essencial daquilo que se pretende comunicar.

O anúncio de uma Boa Nova

Para muitas pessoas, mais ou menos praticantes, mais ou menos crentes, a religião – mesmo quando respeitada – é identificada como algo triste, austero, aborrecido. Cada um de nós, na sua história, tem recordações em que a fé aparece ligada a obrigações, práticas, considerações moralizantes ou legalistas...

Sem terem conhecido o jansenismo ou frequentado as Testemunhas de Jeová, muitos associam hoje Deus às noções de julgamento, permissão-proibição... Alguma imprensa restringe propositadamente a Igreja a um discurso negativo (“contra” o aborto, o direito das mulheres, a contracepção) e contribui para construir uma imagem de “velha carrancuda”. O nosso inconsciente colectivo está assim poluído por estas representações parasitas.

Tudo isto para dizer que é preciso anunciar a Boa Nova! A alegria e a vitalidade do louvor, a orientação do ensinamento e do testemunho, a disposição do animador são sinais de que a equipa é portadora da «Boa Nova» do Evangelho de Cristo. Não se trata de inventar um louvor artificial, mas de difundir por contágio este espírito de alegria.

Quantas vezes não ouvimos já?...

Estava triste, deprimido, submerso em preocupações, com ideias de morte... e tive a impressão física de mergulhar num banho de vida e de alegria. Há muitos anos que tal não acontecia.

Ou até...

Respirando a alegria da assembleia, percebi que ela era verdadeira, que não era forçada... e senti que eu não tinha essa alegria. Cresceu em mim o desejo de a conhecer: gostaria que ela fosse também para mim.

A alegria no Espírito é contagiante.

O anúncio da Boa Nova é a alegria do Espírito, mas também a misericórdia de Deus. De Santa Teresa do Menino Jesus até às revelações de Jesus a Santa Faustina, Deus quer anunciar ao mundo de hoje a sua misericórdia.

Porquê especialmente hoje? Porque quanto mais o mundo mergulha nas trevas, mais é preciso voltar ao Seu amor. Jesus disse a Santa Margarida Maria: «Quero que sejas meu instrumento para atrair os corações ao meu amor.» Estas palavras resumem a missão que Jesus confia a cada um de nós.

Não passemos a pregação a lamentarmo-nos sobre o mundo e a “noite escura”, voltemos o nosso olhar para a estrela da Misericórdia. É ela que toca os nossos corações.

O testemunho da comunhão fraterna

Muitas pessoas sofrem por viverem num mundo difícil. Sem falar das “más notícias” que nos chegam pela imprensa, o quotidiano é muitas vezes marcado por relações de indiferença e de conflito: os transportes públicos, os ambientes de trabalho, a circulação rodoviária... Um sorriso, uma palavra gentil, uma pequena atenção parecem, por vezes, suspeitas: *O que é que ele quer de mim?* Contudo, os corações anseiam por amizade, por fraternidade, por relações humanas cordiais.

“A comunhão fraterna”, referida tantas vezes nos Actos dos Apóstolos, é um testemunho sem palavras, muito forte, no seio da equipa de animação, mas também no coração da assembleia.

Daí a importância de proporcionar momentos em que os participantes (sobretudo nas grandes assembleias) se possam olhar e falar entre si. Isto consegue-se:

- ◆ Propondo às pessoas que se cumprimentem no início do encontro;
- ◆ Organizando um pequeno convívio depois do encontro, a meio da caminhada das sete Semanas;
- ◆ Percebendo se as pessoas se podem ajudar mutuamente no transporte de ida e regresso.

Por várias vezes encontrei participantes que se sentiram tocados, acima de tudo, não directamente por Deus, mas pelo clima fraternal e simultaneamente descontraído e respeitador. Pessoas sós, com dificuldade em estabelecer uma rede de relações de amizade, são muito sensíveis a este tipo de ambiente, que prepara os corações para o reencontro com Aquele que é a Fonte deste amor fraternal.

Para mim a Igreja era uma instituição importante, com o seu “pessoal” (o Papa e os sacerdotes), e eu descobri que era uma família, que esperava por mim e onde eu tinha um lugar reservado...

Os participantes da assembleia – mesmo longe de Deus ou da Igreja – vão gostar de se sentir compreendidos e amados tal como são. Estabelecer com eles uma relação cordial (com o coração) não retira nada à radicalidade da mensagem evangélica: as suas exigências serão melhor recebidas como exigências de amor.

A psicologia contemporânea fala muito em “empatia”, atitude favorável que consiste em tornar-se acessível ao outro, em tentar compreendê-lo, em deixar de lado os julgamentos. Não é em Jesus que encontramos o modelo da empatia? Ele esconde a sua divindade para não esmagar o homem com o seu Poder Absoluto; mais ainda, Ele torna-se vulnerável, criança.

Há muito tempo atrás, vivi uma experiência que foi, para mim, reveladora. Durante a Quaresma, fui convidado a pregar sobre o perdão em várias paróquias. Orei muito, preparei-me... mas a primeira noite não correu bem. O meu discurso estava correcto, fundado na Bíblia e bem organizado... mas continuava abstracto, impessoal. Eu estava decepcionado.

Da segunda vez, embora mantendo o essencial da minha exposição, senti que faltava evocar uma experiência pessoal:

Tive dificuldade em perdoar porque... Tive sentimentos de... Sabeis o que me ajudou a ultrapassar esta dificuldade?

Senti então um clima intenso de escuta, as pessoas estavam visivelmente unidas quando lhes foi proposto o sacramento da Reconciliação, avançaram para os sacerdotes presentes. Aproximavam-se de mim para me dizer: *Quando falou, foi como eu, porque...*

Ao regressar a casa, agradecendo a Deus por aquele encontro, coloquei-me a seguinte questão:

Porquê esta diferença entre as duas sessões? O que é que fez a diferença?

A resposta surgiu, límpida:

Tu falaste da tua experiência. Não te posicionaste como um professor, mas como um homem vulnerável. Não te colocaste acima dos outros com os teus exemplos. Por isso, as pessoas sentiram-se tocadas e abriram os seus corações.

Evitando discursos exteriores e legalistas, consegue-se um clima de cumplicidade com o auditório: é uma outra imagem da comunhão fraterna.

Um testemunho simples

As assembleias – mesmo as cristãs – são muitas vezes ambivalentes.

Querem a proximidade, esta comunhão fraterna de que acabámos de falar, mas veneram também as grandes personagens, “os vultos do Renascimento”, aqueles que colocamos bem acima de nós: *Ele é extraordinário, maravilhoso, etc.* Os animadores podem ser admirados tal como são admirados os grandes desportistas na televisão: ficamos maravilhados, sem, no entanto, nos dispormos a praticar um desporto!

Na animação, pode instalar-se rapidamente um esquema simplista, separando “aqueles que sabem” daqueles “que escutam”, “aqueles que têm carismas” daqueles “que os não têm”.

O risco é que o pregador, ou outros animadores, sejam idealizados e que os participantes se fechem numa atitude infantil: *eu nunca poderia... pregar, testemunhar, louvar em voz alta.*

É, pois, importante que todos se apresentem tal como são: pessoas e cristãos vulgares. Assumamos sem complexos esta espiritualidade tão cara a Madeleine Delbrêl, que ela própria exprimiu desta forma: «Nós, gente da rua.»

Um participante testemunhava:

Pela primeira vez na vida, estive num encontro de “escuta-oração” porque queria confiar uma situação dolorosa. Fiquei surpreendido, senti que era ouvido, acolhido. O animador esclareceu-me sobre alguns pontos, fazendo-me ver as coisas com clareza, e sobre outros disse-me: «Isso não conheço bem – não sei o que te dizer – aceitarías falar com outra pessoa, X, por exemplo?» A sua atitude tocou-me. Ele não tinha resposta para tudo e reconhecia humildemente os seus limites. Fez-me confiar nele. E eu que julgava que as pessoas ligadas à Igreja eram todas muito ciosas das suas certezas...

A simplicidade é uma atitude que a equipa de animação deve cultivar. Mas é também uma forma de falar de Deus. Esqueçemo-nos frequente-

mente de que “Jesus falava por parábolas”. Para revelar os grandes mistérios, recorria a imagens simples, tiradas do cotidiano (aquilo que estava perdido e foi encontrado, os pescadores que escolhem o peixe).

O pregador deve mostrar-se acessível a todos, evitando termos excessivamente complicados e demasiadas referências. Deve falar de forma simples, como Jesus, com palavras e ao estilo da vida de todos os dias. Porquê separar a linguagem da vida da linguagem da Igreja? O pregador deve pedir ao Espírito Santo o dom das imagens e das parábolas. Para preparar a sua exposição, deve questionar-se através da leitura da Palavra ou de um livro de teologia: «Que exemplo deverei escolher?»

Fazei uma sondagem após uma homilia: *O que reteve? De que se falou? O que retirou do que ouviu?* E vereis que aquilo que as pessoas retêm não são os conceitos, mas os exemplos dados pelo orador!

Respeito pela liberdade

Jesus propõe-se, mas não se impõe. O Concílio Vaticano II insistiu sobre esta dimensão do respeito pela liberdade, chegando mesmo a produzir uma declaração sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis humanae*).

É por isso que quando convidamos alguém para uma prática devemos acrescentar “aqueles que o desejam”. Devemos valorizar a proposta realçando as suas graças e os seus benefícios, sem, todavia, culpabilizar os que não estão preparados. O animador tem de respeitar a liberdade de cada um.

Aqueles que se sentem respeitados poderão voltar e, pouco a pouco, desprendem-se. Cada um sentir-se-á livre para, no momento certo, assumir uma atitude de compromisso. Jesus soube esperar pela “Sua hora”... Saibamos nós também esperar a hora de Deus para cada um dos nossos irmãos.

Ao longo dos encontros, a equipa de animação pode mesmo propor à assembleia práticas mais audaciosas, que ela aceitará por confiar nos seus animadores.

3. O plano

O tempo mínimo necessário para que os participantes possam “mergulhar” no encontro é de uma hora e trinta minutos. O respeito pelos horários, sobretudo quando se trata de encontros à noite, não deve ser negligenciado. É importante não ultrapassar o tempo estabelecido, pois o que pode ser tolerado pela assembleia num dia (que está em estado de

graça), em breve pode tornar-se um obstáculo a futuros encontros. Alguns poderão pensar: *Não sei se voltarei; isto pode terminar tarde e eu já estou muito cansado...*

Respeitando escrupulosamente os horários, estamos a contribuir para fidelizar aqueles que seguem o ciclo dos encontros. Dizendo de outra forma, podemos ser pontuais e profundamente carismáticos.

Se o encontro tiver a duração de uma hora e trinta minutos, podemos adoptar o seguinte plano:

	Plano	Tempo
1	Preparação da sala	
2	Acolhimento	5 min.
3	Louvor	20 min.
4	Ensinamento	30 min.
5	Testemunho	10 min.
6	Prática	25 min.
7	Conclusão do encontro: – Distribuição de folhas de meditação – Escuta-oração – Arrumação da igreja	Depois do encontro, mais ou menos 30 minutos

Se dispusermos de duas horas, podemos acrescentar uma meia hora depois do testemunho para os participantes se reunirem em grupos de partilha.

a. Preparação

○ A decoração da igreja ou da sala

Mesmo que isso implique algum esforço, é importante cuidar do local onde se irá realizar o encontro para que o olhar se fixe num símbolo expressivo. Muitas pessoas são “visuais”, logo, muito sensíveis à beleza da decoração.

A decoração – qualquer que ela seja – deve ser visível por toda a assembleia. Não sejamos comedidos! O responsável pela decoração deve colocar-se a si próprio a seguinte questão: *O que vêem aqueles que estão sentados na última fila?*

Quantos testemunhos já recebemos sobre esta catequese visual!
Uma mulher dizia:

Naquela noite eu estava muito cansada. Não consegui sequer acompanhar o ensinamento... mas os meus olhos fixaram-se simplesmente na decoração. E a sua beleza tranquilizou-me, alegrou-me... Durante a semana, aquela imagem das duas composições “tronco morto/ramo de Páscoa” vinha-me involuntariamente à memória. E eu dizia simplesmente: *És tu, Senhor, que me queres dar a vida. Quero abandonar a minha sarça de espinhos e dizer sim à vida...*

○ A assembleia

O número de participantes pode variar, mas o ideal é propor o seminário a uma assembleia relativamente numerosa, no mínimo cinquenta pessoas.

- Com efeito, a experiência mostra-nos que os grupos pequenos são menos atractivos. Se se conhecerem, os participantes podem não sentir tanta liberdade nem espontaneidade para viverem o que lhes é proposto. Além disso, os recém-chegados podem ter a sensação de estar a entrar num “clubê” de cristãos e não se sentirem à vontade.
- Um número significativo de participantes permite uma animação mais dinâmica a todos os níveis. A assembleia tem consciência de estar a viver “um tempo importante” de oração e de anúncio da Palavra. Além disso, o encontro será sentido como um sinal de vitalidade eclesial e constituirá um estímulo para aqueles que habitualmente se sentem isolados em assembleias muito reduzidas.
- Uma boa assembleia motiva a equipa de animação para os preparativos: decoração, folhetos de informação, repetição de cânticos com instrumentos.
- Finalmente, a partir de um certo número, podemos solicitar a intervenção de pregadores e testemunhos de qualidade que seria constrangedor convidar para um grupo reduzido.

Para conseguirmos este número, podemos sugerir aos grupos de oração ou às paróquias que se reúnam, proporcionando-lhes assim uma excelente ocasião para se abrirem e se renovarem.

Cinquenta participantes pode parecer um número elevado, mas estou convencido de que chegou a altura de afastar a imagem desta caminhada das “sete semanas” do enquadramento simples dos grupos de oração do Renascimento Carismático e de organizá-la de forma mais alargada, por

exemplo, como missão paroquial. Entretanto, os grupos de oração podem ser mais pequenos nas paróquias menos numerosas (certas zonas do meio rural...).

b. O acolhimento (cinco minutos)

No momento do acolhimento é importante estar atento às diferenças culturais. Algumas culturas são muito calorosas, outras mais reservadas. É importante não forçar ninguém. Pode criar-se uma pequena equipa de acolhimento à entrada da igreja, que distribuirá as folhas com os cânticos, o que constitui uma oportunidade para um primeiro contacto.

O acolhimento é um verdadeiro carisma. Algumas pessoas têm o dom de pôr os outros à vontade, de os receber com um sorriso. As relações simples e amistosas transmitem confiança.

Convém pois, no espírito do Evangelho, evitar duas situações:

- ◆ Uma distância excessiva, que é entendida como frieza ou indiferença (falta de calor humano, de cordialidade);
- ◆ Uma familiaridade excessiva, que transmite a sensação de se estar a reter as pessoas, a agarrá-las ... (falta de pudor na relação).

c. O louvor (vinte minutos)

O louvor em paróquia é diferente do louvor em grupo de oração. Em paróquia, sobretudo nos dois primeiros encontros, deve evitar-se um estilo demasiado “carismático” que pode embaraçar, ou até mesmo irritar, aqueles que não estão habituados.

Em todo o caso, trata-se de uma oração de louvor, viva e alegre, com instrumentos que acompanham os cânticos.

A recomendação do Concílio Vaticano II de promover a participação activa da assembleia deve ser observada.

Para isso, é importante propor cânticos fáceis conjugando, se possível, “clássicos” mais conhecidos com algumas “novidades”:

- ◆ Um repertório demasiado “antigo” pode parecer uma ladainha;
- ◆ Demasiadas composições novas podem desorientar os participantes.

A equipa de animação deverá propor cânticos variados, isto é, procedentes de diversos “espaços da Igreja”:

- Cânticos do repertório utilizado habitualmente pelo grupo ou pela assembleia;
- Cânticos de diferentes comunidades;
- Cânticos de Taizé...

Numa oração bem animada sentimos, ao mesmo tempo, unidade, que dá coerência ao encontro, e diversidade, que permite reunir sensibilidades diferentes.

d. O ensinamento (trinta minutos)

Utilizaremos o termo “ensinamento” para designar uma mensagem que tem por objectivo ensinar a doutrina, apresentando um aspecto da fé cristã de forma argumentada.

Por vezes, falaremos em “pregação” para um discurso mais breve, de conteúdo menos doutrinal, incitando o ouvinte a mudar de vida (cf. *Kerygma*, nos Actos dos Apóstolos).

e. O testemunho (dez minutos)

O tempo do ensinamento e do testemunho formam um todo. O testemunho deve ser a ilustração prática do ensinamento. Procurando sempre a coerência da mensagem transmitida por estas duas vias, daremos prioridade ao ensinamento baseado na Palavra de Deus.

Relativamente ao testemunho, o orador procurará dizer o essencial sem se dispersar em pormenores do tipo: *Foi às cinco horas... não! Às seis e meia...* Com efeito, quanto mais conciso for o testemunho, maior será o seu impacto. A divagação e a confusão fazem com que o testemunho perca eficácia.

O orador pode recorrer a um plano escrito da sua intervenção para não se perder. Mas a leitura de um texto preparado antecipadamente retira uma boa parte da espontaneidade.

O pregador e o orador que presta testemunho deverão encontrar-se antes da reunião para rezarem em conjunto e acordarem as ideias-chave que desejam transmitir.

f. A prática (vinte e cinco minutos)

Para evitar o aspecto “conferência”, onde a assembleia é mais passiva, é essencial propor-se, no final do encontro, uma prática pessoal e comunitária.

Se a duração do encontro for de duas horas, podem propor-se trinta minutos de partilha em pequenos grupos antes de introduzir a prática.

Neste livro propomos práticas concretas para cada encontro, ligadas à temática da semana. Eis alguns exemplos:

- ◆ Deslocar-se até junto do círio pascal, sinal da luz de Cristo que queremos acolher, e acendê-lo;
- ◆ Deslocar-se até junto da Cruz de Cristo e venerá-la;
- ◆ Deslocar-se ao baptistério ou a uma pia de água benta e benzer-se para renovar as promessas do Baptismo.

A pedagogia da prática é bíblica: incita as pessoas a tomarem uma posição, assumindo gestos que comprometem o corpo e a alma.

Encontramos muito esta situação nas Sagradas Escrituras: no monte Carmelo, o profeta Elias altera o estatuto dos israelitas, que passam de espectadores a actores (1Rs 18), permitindo-lhes escolher o Deus de Israel e rejeitar os profetas de Baal...

Em Éfeso, São Paulo faz com que todos aqueles que se dedicavam à magia renunciem às suas práticas destruindo os seus livros (ACT 19,19).

Eu próprio quando, após alguns anos, voltava novamente a certos lugares para pregar, depois de aí ter estado uma primeira vez, ficava muitas vezes encantado com o que as pessoas me recordavam:

Eu vim àquele encontro, naquele ano; lembro-me da prática que me propôs; foi nesse momento que alguma coisa aconteceu comigo...

Na maioria dos casos, os participantes não se lembram tão bem daquilo que é dito, mas guardam na memória a prática que viveram! Como veremos, as práticas podem variar com o tempo litúrgico, a disposição da igreja (ou da sala onde decorre o encontro), a vivência da assembleia, os tempos importantes da diocese ou da Igreja universal...

Frequentemente, para a realização da prática, é possível destacar um baptistério, uma imagem ou um crucifixo que já existem no santuário. Ficamos felizes quando o pároco ou os paroquianos habituais nos dizem:

Redescobri aquela imagem ou aquele crucifixo na Igreja. A partir de agora olharei para ele de forma diferente, porque me faz lembrar aquela prática...

- O animador deve expor com clareza o significado da prática e o fruto espiritual que se pretende obter.
- Deve explicar a forma como se pretende que a acção decorra para que a movimentação da assembleia se faça de forma ordeira e, sobretudo, em recolhimento. «Que tudo seja para edificação» (1COR 14,26), «Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.» (1COR 14,33)
- Um membro da equipa de animação fará o papel de “mestre-de-cerimónias”. Esta pessoa, digna e calma, ajudará a manter o clima de oração.
- Uma, duas ou três pessoas previamente escolhidas darão o exemplo através do gesto e a assembleia seguirá o movimento. A duração dos seus gestos servirá de regra. Assim, evitam-se práticas intermináveis em que os primeiros participantes permanecem em êxtase enquanto os cem que se seguem aguardam pela sua vez.

g. Conclusão do encontro

Distribuição de folhas – Escuta-oração – Arrumação da igreja.

- Ao longo dos anos, apercebemo-nos da necessidade de propor uma **folha de meditação** para toda a semana. No final de cada capítulo, encontrareis um modelo. Os textos bíblicos e as meditações:
 - ◆ Fazem-nos descobrir a Bíblia e a actualidade da sua mensagem nas nossas vidas;
 - ◆ Permitem-nos apreender, pela oração, os temas da mensagem transmitida durante o encontro;
 - ◆ Propõem-nos uma forma de oração a partir da Palavra de Deus;
 - ◆ Estabelecem uma verdadeira comunhão espiritual entre os participantes.

Estas folhas de meditação estimulam os participantes a alimentarem a sua fé: muitas vezes já nos pediram, a propósito das sete semanas, referências de livros para continuar a oração com a Palavra de Deus.

- Depois da despedida, e antes das pessoas regressarem a casa, é bom propor um tempo de **escuta-oração**. É o momento privilegiado

para apresentar as dificuldades da vida, pedir uma oração por determinada intenção, exprimir reacções ao encontro, pedir esclarecimentos sobre o que foi dito no ensinamento ou abordar o orador que prestou testemunho. Aqueles que vão receber os participantes no momento de escuta-oração são mandatados pela equipa de animação.

- Entretanto, um grupo **arruma o espaço** discretamente para não perturbar o momento. Um acompanhamento musical suave durante todo este tempo permite “encobrir” o barulho da arrumação.

Cerca de meia hora não é demais entre o final do encontro e o encerramento da igreja. O respeito pelo lugar e pelas pessoas constitui sempre um bom testemunho.

h. Grupos de partilha

Se as reuniões tiverem a duração de duas horas, pode propor-se grupos de partilha. Depois do testemunho, seguido de um cântico ou de um fundo musical para meditação, o animador convida a assembleia a reunir-se em grupos de partilha, com cerca de sete pessoas cada (grupos mais numerosos não permitem que os mais tímidos possam exprimir-se).

Para não perder tempo em deslocações, o melhor é permanecer na própria sala ou igreja.

O animador procurará que os participantes façam uma breve apresentação e se exprimam livremente a partir de um tema do encontro. Pode partir-se de questões muito simples:

- ◆ O que é que me tocou naquilo que ouvi?
- ◆ O que é para mim a “Palavra do Senhor”?
- ◆ O que é que, eventualmente, constitui para mim um problema?

A palavra partilhada num pequeno grupo fraterno ajuda a identificar os sentimentos vividos.

É também este o momento de conhecer os outros. Assim, o grupo de partilha estabelece laços que se mantêm durante as sete semanas e, muitas vezes, para além deste tempo.

É interessante manter os grupos, na medida do possível, de uma semana para a outra para que os seus membros possam ir mais longe na partilha, ou então reconstituí-los a cada novo encontro se entretanto entrarem novos membros.

ÍNDICE

Prefácio	7
Introdução	11
Primeira semana	
TEMA: JESUS ESTÁ VIVO.....	29
Objectivo	30
I – Decoração da igreja ou da sala	30
II – Acolhimento.....	30
III – Louvor	31
IV – Ensino.....	31
V – Testemunho	36
VI – Prática	39
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da primeira semana: Jesus está vivo.....	43
Segunda semana	
TEMA: JESUS SALVADOR.....	55
Objectivo	56
I – Decoração da igreja ou da sala	56
II – Acolhimento.....	57
III – Louvor	57
IV – Ensino.....	57
V – Testemunho	64
VI – Prática	67
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da segunda semana: Jesus Salvador	71

Terceira semana

TEMA: JESUS MUDA OS NOSSOS CORAÇÕES, CURA, CONVERTE	83
Objectivo	84
I – Decoração da igreja ou da sala	86
II – Acolhimento.....	86
III – Louvor	86
IV – Ensino	87
V – Testemunho	93
VI – Prática	97
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da terceira semana: Jesus converte	100

Quarta semana

TEMA: CELEBRAÇÃO DA MISERICÓRDIA DE DEUS: JESUS PERDOA, JESUS CURA	113
Objectivo	114
I – Decoração da igreja ou da sala	114
II – Acolhimento.....	115
III – Louvor	116
IV – Ensino	117
V – Testemunho	117
VI – A – Práticas de oração de cura	119
VI – B – Prática do sacramento da Reconciliação	129
VI – C – A fórmula mista cura e perdão	130
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da quarta semana	131

Quinta semana

TEMA: A EFUSÃO DO ESPÍRITO SANTO	143
Objectivo	144
I – Decoração da igreja ou da sala	146
II – Acolhimento.....	146
III – Louvor	146
IV – Ensino	147
V – Testemunho	157
VI – Prática	160

ÍNDICE

Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da quinta semana	161
Sexta semana	
TEMA: NO CENÁCULO, AGUARDANDO O ESPÍRITO	173
Objectivo	174
I – Decoração da igreja ou da sala	175
II – Acolhimento.....	175
III – Louvor	175
IV – Ensino: A Igreja no Cenáculo (Actos 1,12-14).....	175
V – Testemunho	185
VI – Prática	189
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da sexta semana	203
Sétima semana	
ORAÇÃO PELA EFUSÃO DO ESPÍRITO SANTO.....	203
Objectivo	204
I – Decoração da igreja ou da sala	205
II – Acolhimento.....	205
III – Louvor (cerca de vinte-trinta minutos)	205
IV – Ensino	205
V – Testemunho	205
VI – Prática	207
Preparação para a efusão do Espírito Santo	
Meditação da sétima semana	214
Oitava semana	
NOITE DE ACCÇÃO DE GRAÇAS.....	225
Objectivo	226
I – Decoração da igreja ou da sala	227
II – Acolhimento.....	228
III – Louvor	228
IV – Ensino	228
V – Testemunhos	228
VI – Prática	230
EM JEITO DE CONCLUSÃO	233